

***BOROCA*: INDÍCIOS LEXICAIS E GEOLINGUÍSTICOS**

***BOROCA*: LEXICAL AND GEOLINGUISTIC INDICATIONS**

Patrícia Andréa Borges¹

Universidade Estadual de Campinas

Greize Alves da Silva²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Partindo de uma inquietação surgida nas entrevistas que resultaram no Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins - ALiTTETO (SILVA, 2018), este artigo investiga a possível ‘gênese’ do termo *boroca*, que, de acordo com a definição de informantes tocantinenses, é a mesma coisa que *bolsa, mala*. A pesquisa parte da busca lexicográfica, com intuito de verificar esse possível ‘nascimento’, investigando as ocorrências e a frequência do termo em jornais e periódicos disponíveis no arquivo digital da hemeroteca da Biblioteca Nacional, até chegarmos aos relatos dos informantes que ligam o curioso termo ao universo do garimpo. A partir dos estudos lexicográficos e dialetológicos é que se pode verificar o comportamento da *boroca* através do tempo: inicialmente entendida como nome próprio, após como sobrenome, nome de animal e, na década de 1980 como designativo para um tipo de bolsa de couro, nomeação possivelmente atribuída na “efervescência linguística” do garimpo de Serra Pelada, no sudeste do Pará.

Palavras-chave: Léxico; Dialetologia; Garimpo de Serra Pelada; *Boroca*.

Abstract: Based on a concern arisen during the interviews which resulted in the *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins* – ALiTTETO (SILVA, 2018), this paper investigates the ‘genesis’ of *boroca*, which means *bag* or *suitcase*, according to the definition given by the informants from the Brazilian state of Tocantins. The research, based on a lexicographic study, aims at verifying the origin of such word by investigating its occurrence and frequency in newspapers and magazines available at the digital archives of the National Library of Brazil, which led us to the informants’ accounts linking the curious word to the realm of mining. Based on lexicographical and dialectological studies, it is possible to observe *boroca* throughout time: initially, it was used as a proper name; afterwards, as a surname and as the name of an animal; in the 1980s, to designate a type of leather bag, most likely due to the “linguistic effervescence” that took place in the mining site of Serra Pelada, in the southeast of the Brazilian state of Pará.

Keywords: Lexicon; Dialectology; Serra Pelada mining site; *Boroca*.

¹Mestranda em Linguística. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. E-mail: pattyaborges@gmail.com.

²Doutorado em Estudos da Linguagem. Docente na Universidade Federal do Tocantins. E-mail: greize_silva@yahoo.com.br.

Submetido em dia de mês de 2020.

Aprovado em dia de mês de 2020.

Introdução

Veza por outra, ouvimos uma palavra e pensamos: “O que significa? De onde vem?” Esse é o caso de *boroca*. Para sanar essa inquietação, recorreremos primeiramente aos dicionários que, de acordo com Biderman (1998, p. 130), recolhe “o tesouro lexical da língua num dado momento da história de um grupo social” e descobrimos que o termo não foi dicionarizado. Quando um termo que não é dicionarizado, o caminho que nos resta é procurar a incidência da palavra em outros lugares: jornais, revistas e na memória das pessoas.

Para iniciar, buscamos o estudo do léxico como ciência que possibilitasse encontrar a primeira vez que a palavra foi usada. Para este texto, o estudo do léxico, é entendido como

[...] saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-lingüístico-cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. (BIDERMAN, 2001, p. 9).

É partindo da definição dada por Biderman (2001) do léxico ser a possibilidade de determinada comunidade ‘enxergar’ o mundo que este artigo inicia a investigação da palavra *boroca* por meio de pesquisa lexical, procurando incidências do termo até chegar ao garimpo, mais especificamente no de Serra Pelada, momento em que a palavra ganhou relevância lexical para determinada atividade econômica e acabou por se difundir, mesmo que de modo localizado, pelo resto do país.

Para entender a mobilidade do termo, utilizamos a Dialetoлогия, nascida como ciência ao final do século XIX, compreendida como o estudo dos dialetos (VENY, 1985; CARDOSO, 2010), sejam eles presentes em uma região, país ou continente. Ciência responsável pela coleta sistemática de dados de várias naturezas (fonéticas, lexicais, morfossintáticas) junto aos falantes. Seu principal método de análise é a Geografia Linguística, entendida como a disposição de variantes (fonéticas, lexicais,

morfossintáticas) em superfícies cartográficas, variantes essas previamente coletadas em pontos específicos de uma área (VENY, 1985). Como resultado da união entre Dialetoлогия e Geolinguística, o consulente tem a opção de verificar a distribuição tanto espacial quanto social de uma variante distribuída em determinado espaço.

Assim, por meio da Dialetoлогия e da Geolinguística evidenciam-se “fotografias” diacrônicas e sincrônicas de uma realidade dialetal específica, de um fato fonético em processo de mudança, de um item lexical em vias de desaparecimento ou de ressemantização, dentre os outros aspectos.

Nesse sentido e, tendo em vista a investigação da possível gênese do termo *boroça*, o trabalho, inicialmente, apresenta seu provável local de nascimento como sinônimo para bolsa - o garimpo de Serra Pelada (Pará), a partir do que se denomina por Pagoto (2018) de “efervescência linguística”. Em seguida, evidenciam-se as ocorrências da palavra no recorte temporal: 1740-2019 na base de dados da Hemeroteca. Após, apresenta-se a distribuição diatópica de *boroça* no Estado do Tocantins, ponto inicial das inquietações sobre o curioso termo. Por fim, as considerações finais.

1. *Boroça*: Palavra de um garimpo

Tem-se como marco inicial do garimpo de Serra Pelada o final de 1979 (MATHIS, 1995); o que se sabe é que um homem, atribui-se a Genésio Ferreira da Silva, encontrou ouro de aluvião no córrego Grota Rica e, em 1980, iniciou-se a ‘febre do ouro’ em Serra Pelada. O garimpo em questão foi considerado o maior a céu aberto do mundo, estava situado no sudeste do Pará e era um bairro da cidade de Marabá. Com a migração de muitos garimpeiros para região, o presidente militar do Brasil, João Batista Figueiredo enviou o major do exército Sebastião Rodrigues de Moura, alcunhado de Major Curió, para ser interventor e o Poder de Estado no garimpo. Sebastião Curió Rodrigues de Moura, que adotou “Curió” como parte de seu nome, permaneceu na área de Serra Pelada até 1982, quando se torna Deputado Federal mais votado do Pará, até mesmo por causa de seu eleitorado em Serra Pelada, que ainda é considerada distrito de Curionópolis (antiga vila do Trinta).

O garimpo de Serra Pelada chegou a ter 80 mil garimpeiros (MATHIS, 1995, p. 11), procedentes das diferentes regiões brasileiras. Eram predominantemente homens,

pobres e esperançosos em um possível enriquecimento, influenciados pelas lendas sobre a abundância de ouro no novo local de garimpo. Segundo Bitencourt (2009):

A atividade garimpeira convocou um grande contingente de trabalhadores, principalmente de imigrantes do Nordeste. O garimpo em Serra Pelada passou a fazer parte das opções dos marginalizados pelo processo socioeconômico brasileiro, que tentavam encontrar modos de sobrevivência no garimpo. (BITENCOURT, 2009, p. 29).

Com uma população tão grande e miscigenada, a criação de um novo léxico que representasse aquela atividade era inevitável, tendo em vista que o garimpo funcionava como impulsionador “das regiões ou cidades onde está inserido de modo a interferir na economia, cultura e sociedade como um todo. A importância da atividade para as regiões onde se localiza é de tal forma a fazer surgir cidades inteiras em poucos dias, ou de desaparecê-las subitamente.” (GUANAES, 2001, p. 71-72). Nesse sentido, Pagotto (2018) elucida o processo de interação entre atividade econômica e funcionamento linguístico:

O modo como se dá a relação entre economia e funcionamento sociolinguístico não é nem um pouco claro, ainda que por vezes se suponha sê-lo, ou se ignore, como algo não relevante. Uma vez que os processos econômicos são fundamentais para o modo como as sociedades se constituem, podemos dizer que também o são para o modo como se dão os processos sociolinguísticos e os processos de mudança linguística que estão imbricados no funcionamento social. (PAGOTTO, 2018, p. 54).

Uma atividade tão intensa como o garimpo faz surgir uma interação linguística própria que se auto define e se auto delimita no léxico. O garimpo faz seus verbos, seus substantivos para poder definir suas atividades porque no garimpo todos são garimpeiros, como mesmo registra a fala do ‘Major Curió’ no filme “Serra Pelada - A lenda da montanha de ouro”: “Não aceitava, na minha barraca de comando, de chefia, ninguém que dissesse ‘Eu sou médico, eu sou isso...’ Não, tu é garimpeiro!” (SERRA..., 2013). Ou seja, dentro do garimpo não há outras profissões, há apenas o garimpeiro.

Esse novo polo de atividade econômica possibilita uma nova ‘ebulição’ ou ‘efervescência linguística’, ao que Pagotto (2018) define:

Por *ebulição* ou *efervescência* linguística compreendo aquelas situações languageiras em que processos econômicos muito específicos constituem sociedades transitórias, em geral produto de migração de falantes de diferentes línguas ou dialetos. Tais situações podem dar origem a dinâmicas linguísticas muito aceleradas, mas também voláteis. E toda essa ebulição pode cessar quando cessa o que motivou

o ajuntamento humano. Em períodos mais recentes, seria o caso do garimpo de Serra Pelada no seu auge. (PAGOTTO, 2018, p. 59-60 [grifos do original]).

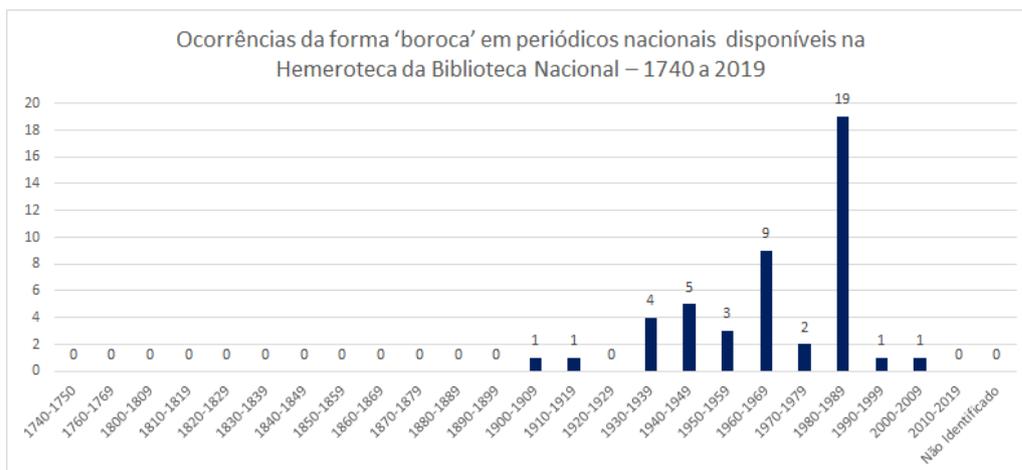
A passagem de Pagotto (2018) é elucidativa, considerando que a migração de falantes de diferentes dialetos em determinado lugar para determinada atividade econômica tem impactos linguísticos importantes como ‘efervescência’ linguística. Essa ebulição aliada a determinação de que ao entrar para trabalhar no garimpo todos são garimpeiros, há a adoção, por parte do minerador, de vocábulos próprios daquela atividade por basicamente dois motivos: domínio da técnica de trabalho e sentimento de pertencimento àquele novo microcosmo.

Quando o aglomerado humano de Serra Pelada é diluído, o arcabouço lexical é mobilizado pelo falante em momentos cujo tema seja aquela atividade econômica específica, no caso deste texto, o garimpo ou o garimpeiro. Esse vocabulário lexical não é esquecido e, neste sentido, o específico léxico também é permeável, pois o que a presente pesquisa pretende demonstrar é que *boroca* não permaneceu apenas no garimpo de Serra Pelada, no sudeste do Pará, mas seguiu com os garimpeiros que lá estiveram pelo Brasil a dentro, espalhando, a partir do Pará para o Rio de Janeiro, chegando até ao Rio Grande do Sul, em todos os lugares que, depois de Serra Pelada, tiveram algum garimpo instaurado.

Como forma de ilustrar que as ocorrências e a frequência do termo *borocase* deram a partir do garimpo de Serra Pelada, seguem-se o Gráfico 1 e a Tabela 1, as quais demonstram que antes do evento ‘Serra Pelada’, o termo era pouco usado e, na década de 1980, está o auge da frequência, caindo, imediatamente após o fechamento definitivo da área de garimpo, na década de 1990.

O gráfico a seguir apresenta os dados de ocorrência:

Gráfico 1: Ocorrências de *boroca* na Hemeroteca da Biblioteca Nacional



Fonte: Elaboração das autoras.

A tabela 1 apresenta os dados do gráfico de forma pormenorizada.

Tabela 1: Ocorrências da forma *boroca* em periódicos nacionais disponíveis na Hemeroteca da Biblioteca Nacional – 1740 a 2019.

Décadas	Ocorrência "Boroca"	Quantidade de Periódicos do Acervo	Número de Páginas Pesquisadas
1740-1750	0	1	72
1760-1769	0	1	550
1800-1809	0	3	51.433
1810-1819	0	21	78.968
1820-1829	0	129	322.322
1830-1839	0	363	456.148
1840-1849	0	380	612.688
1850-1859	0	444	956.846
1860-1869	0	618	1.109.941
1870-1879	0	967	1.543.290
1880-1889	0	1.578	2.238.582
1890-1899	0	1.352	2.716.797
1900-1909	1	885	3.445.525
1910-1919	1	900	4.171.744
1920-1929	0	773	4.959.028
1930-1939	4	640	5.429.940
1940-1949	5	380	5.364.428
1950-1959	3	358	6.037.667
1960-1969	9	247	4.778.499
1970-1979	2	206	3.874.209
1980-1989	19	160	3.239.410
1990-1999	1	70	2.102.511
2000-2009	1	45	2.161.421
2010-2019	0	27	858.961
Não Identificado	0	47	774.910

Fonte: Elaboração das autoras.

A tabela nos mostra o comportamento da palavra ao longo do tempo: as duas ocorrências iniciais são distintas: a primeira é como nome de personagem de um texto narrativo e a segunda é um sobrenome de pessoa. Até a década de 1980, o termo oscila entre apelido (algunha), sobrenome de pessoa, nome de animal, até que finalmente chega na definição apontada por essa pesquisa como sinônimo de bolsa, mala, sacola, uso mais específico que foi dado no período da atividade de garimpo. O próximo tópico faz um percurso na palavra através das décadas, com os contextos em que foram utilizadas.

2. Percurso da palavra *boroca*: aspectos semânticos

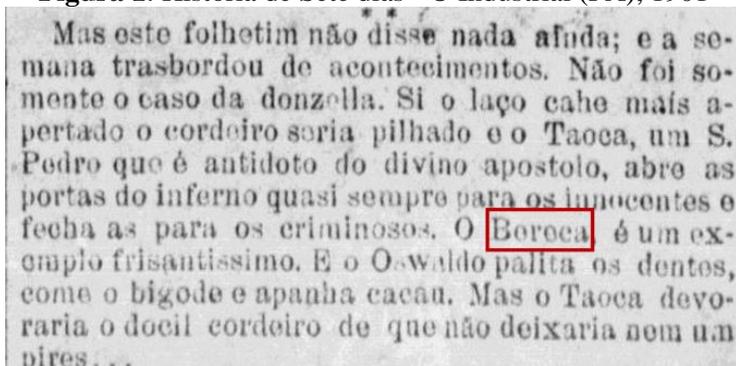
A melhor forma que esta pesquisa encontrou de recorrer a uma gênese da palavra que não é dicionarizada foi uma pesquisa lexical na hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional que reúne periódicos desde 1740 (portugueses e brasileiros).

A pesquisa na Hemeroteca revelou que a boroca aparece pela primeira vez nos registros em 1901, como apelido de uma personagem em um texto narrativo. Dentre os dados apurados, encontramos ocorrências como apelido de pessoa (jogador de futebol da década entre 1930 e 1940), sobrenome de pessoa, nome de cavalo campeão em turfe, como adjetivo de linguagem e como substantivo comum que se refere a um tipo de bolsa usada por garimpeiros no garimpo de Serra Pelada, no Pará, na década de 1980 (definição que interessa a este trabalho). Há também a utilização como nome de personagem no filme “Os Trapalhões na Serra Pelada” (1982), vivido por Dedé Santana.

Será em uma reportagem de José Nêumanne Pinto para o Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, sobre o garimpo da Serra Pelada que a palavra ganha projeção nacional e será alcunhada como “palavra típica do léxico do garimpo”.

Para começar a viagem, faremos um percurso da palavra com a primeira menção de boroca em 1901, no jornal “O Industrial” do Pará, como nome de personagem em uma história intitulada “História dos Sete Dias”. É interessante que essa primeira ocorrência se dê no estado que oitenta anos depois desloca o campo semântico da ficção para designar um tipo de bolsa de couro utilizada no garimpo. Conforme figura a seguir, o primeiro aparecimento se dá no universo ficcional:

Figura 1: História de Sete dias - O Industrial (PA), 1901



Fonte: Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=800848&pagfis=115>>. O Industrial, Pará, data de 11 de julho de 1901, página 3. Ano VIII, número 223. Acesso em: 27 abr. 2020.

A figura 2 mostra a única ocorrência de 1913, em que palavra aparece como sobrenome de pessoa. Verifica-se, portanto, que a segunda ocorrência de *boroca* se dá no Rio de Janeiro, fora do estado natal Pará.

Figura 2: Sobrenome de pessoa - O Regenerador (RJ), 1913

na Caldeira ; 8º Districto : Luiz
Boroca, Manoel Pedro Collares.

Fonte: Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/801291/637>>. O Regenerador (RJ), data de 02 de março de 1913, página 2. Anno 4, Número 11. Acesso em: 27 abr. 2020.

As ocorrências da década de 1930, apresentará a tendência de sobrenome de pessoa e apelido de pessoa e não mais de personagem fictício.

Figura 3: Nome de pessoa - A Offensiva (RJ), 1936.

**ATROPELADO EM FRENTE
A RESIDENCIA**

Em frente á casa onde reside, na rua Julio do Carmo n. 63, foi atropelado por um automovel, sofrendo ferimento no joelho direito, o menor **Léo Boroca** de 11 anos de idade e de cor branca.

Depois de devidamente medicado no Hospital Prompto Socorro, Léo Boroca retirou-se para sua residencia.

Fonte: Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/178586/114>>. A Offensiva (RJ), data de 11 de julho de 1936, Ano III, número 229, página 1. Acesso em: 27 abr. 2020.

A figura 3 dá outras informações também: é um morador da cidade (uma criança) que mora em uma rua que passa automóvel, algo não muito comum para época e, como a notícia mesmo se refere, é ‘de cor branca’ e teve acesso à assistência médica (foi socorrido ao Pronto Socorro).

Na mesma década, também era apelido de um jogador de futebol do Espírito Santo, conforme as ilustrações a seguir:

Figura 4: Apelido de jogador de futebol - O Imparcial (RJ), 1939

**O HONTEM
DESPORTIVO**

Está sendo esperado pelo Bangu, o zagueiro espichada **Boroca**, que será experimentado antes do campeonato.

Fonte: Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/107670_03/17065>. O Imparcial (RJ), data de 23 de março de 1939, página 9, Ano V, número 1178. Acesso em: 27 abr. 2020.

Confrontando a figura 4 com a Tabela 1, percebemos que o número de ocorrências é grande (04) no período compreendido entre 1930-1939 e continua alto na

década seguinte (05), também decorrente do apelido do jogador de futebol que foi jogar no time do Bangu, no final da década de 1930.

Considerando que o futebol passou a ser um esporte proeminente a partir da década de 1930, ganhando, a partir de então, popularidade nacional, a ocorrência do apelido ilustra esse processo de projeção do esporte. A década de 1940 mantém a tendência de apelido de pessoa, incluindo o jogador de futebol.

Figura 5: Apelido de jogador de futebol - A Manhã (RJ), 1947

PELEJA ATRAÇÃO EM BRAZ DE PINA
Unidos de Braz de Pina F. C. x Flaminguinho F. Clube, em sensacional peleja — Os aspirantes na preliminar

A tarde esportiva de hoje, em Braz de Pina, marca o promissor encontro entre os esquadões do Flaminguinho F. C., de Catumbi e do campeão local, o Unidos de Braz de Pina F. C.

A ansiedade com que está sendo aguardado esse prêmio é post-futebol leopoldinense, aliás, digamos de passagem, o querido clube suburbano ainda não perdeu um jogo em que estivesse em "cheque" o cartaz do bairro em que está sediado. Tudo leva a crer, pois, que frente ao Flaminguinho F. C. os "Campões de

mos: Armando no arco, Jorge I e Carioca na zaga, Rodrigo, Batoca e Jair na intermediária, e Cachorrinha, Wilson, José, Paulo e Nardinho no quinteto atacante.

A PRELIMINAR
Antecedendo o encontro prin-



A guisa tapizada do Unidos de Braz de Pina que espera continuar em sua arrancada vitoriosa frente ao Flaminguinho F. C.

tivamente justificada, visto que ambos os litigantes desfrutam de grande prestígio no soccer amadorista, cujo valor técnico de seus esquadões os aficionados não desconhecem.

O Unidos de Braz de Pina F. C. arcará com a responsabilidade de defender o prestígio do

Braz de Pina" entrarão na arena dispostos a mostrar sua classe para manter a invencibilidade que ora ostentam.

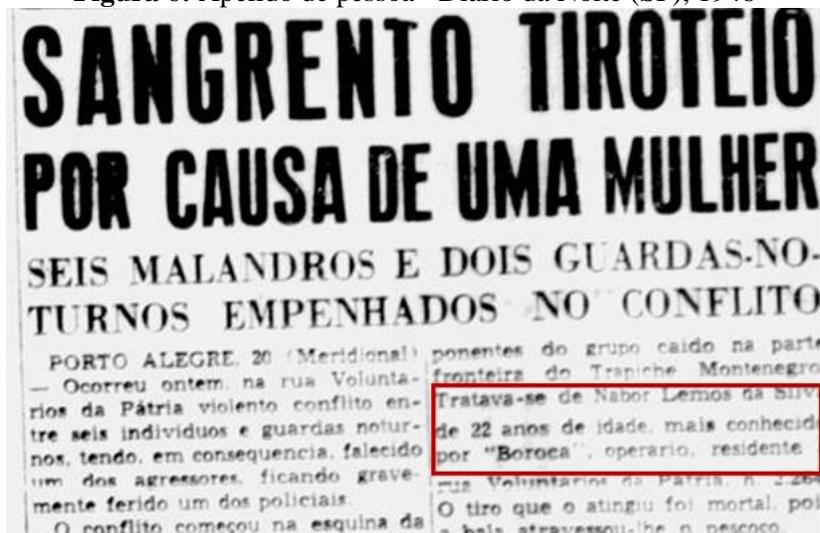
COMPLETO O UNIDOS
O clube mais querido de Braz de Pina, para o jogo com o Flaminguinho F. C. apresentará a sua força máxima. Assim ver-

cipal estarão em confronto os aspirantes de ambos os clubes. Salvo algum imprevisto de última hora, a equipe secundária do Unidos de Braz de Pina F. C. formará com: Tininho, Dedé e Milton; **Soroca**, Roberto e Chico; Balano, Ferreira, Vandick, Wanderley e Edimar.

Fonte: Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/116408/35310>>. A Manhã (RJ), data de 14 de setembro de 1947, Ano VII, número 1871, página 20. Acesso em: 27 abr. 2020.

A figura 6 traz ainda um apelido de pessoa, dessa vez, entretanto, como um operário vítima de uma ação policial.

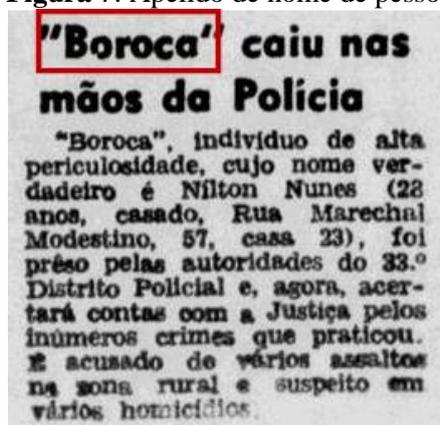
Figura 6: Apelido de pessoa - Diário da Noite (SP), 1948



Fonte: Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/093351/13999>>. Diário da Noite (SP), data de 21 de dezembro de 1948, Ano XXIV, número 7374, página 5. Acesso em: 27 abr. 2020.

A década de 1950 mantém o registro de *boroça* como apelido de pessoa, tanto como o do jogador de futebol como o apelido de um homem procurado pela polícia.

Figura 7: Apelido de nome de pessoa



Fonte: Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/030678/2024>>. A Luta Democrática (RJ), data de 21 de novembro de 1954, Ano I, número 244, página 2. Acesso em: 27 abr. 2020.

Já na década de 1960, aparecem as formas como nome de pessoa, nome de cavalo de corrida e uma ocorrência de uso incomum: como adjetivo da palavra linguagem.

Figura 8: Linguagem ‘borôca’ - Correio da Manhã (RJ), 1961

CARDIO: DOIS ANOS
 Contrariando os seus hábitos e quebrando a bôca-de-siri que lhes foi pedida, os Jotas querem adiantar que a equipe de médicos do Instituto de Cardiologia prepara as surpresas de uma festa nessa casa, hoje, às 10 horas, a fim de celebrar a passagem do 2.º aniversário da presença do Eugênio da Silva Carmo na direção do mesmo Instituto. A indiscrição é desculpável, não só porque em linguagem borôca de jornal teria o nome de “furo”, mas também pela vantagem de evitar sustos no bom dr. Eugênio, cujo próprio miocárdio merece paz e sossego maiores em favor daqueles que precisam das suas atenções.

Fonte: Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/19541>. Correio da Manhã (RJ), data de 16 de junho de 1961, Ano LXI, número 20928, página 1. Acesso em: 27 abr. 2020.

O uso de “linguagem borôca”, destacado na figura 08, é um uso único em toda a pesquisa, pois, há por parte do autor, a intenção de evidenciar que o termo *borôca* indique, possivelmente, um tipo de vocabulário coloquial e não rebuscado. Sua utilização juntamente com a palavra ‘linguagem’ pode evidenciar o que semanticamente tem se verificado em textos atuais, na qual o uso de *boroca* seja interpretado como adjetivo para pessoa boba, desanimada, como se verá mais adiante.

Figura 9: nome de cavalo de turfe - A Luta Democrática (RJ), 1964

9.º Páreo — 1200 metros — Pista AL — Prêmio: Cr\$ 300.000,00							
1.º	Pingolinho, J. Baf.	56	15.412	49,00	11	10.834	46,00
2.º	Gloucester, L. ap.	48	6.267	122,00	12	18.453	27,00
3.º	Boroca, N.L. ap.	50	7.431	—	14	11.491	43,00
4.º	Rover, F. Est. ...	54	—	—	14	11.491	43,00
5.º	Complot, SMC, ap.	49	3.482	221,00	22	1.302	284,00
6.º	Florana, J. Tin. .	52	3.700	208,00	23	5.086	98,00
7.º	Quiet Boy, J.M. .	54	18.596	41,00	24	3.727	134,00
8.º	Banza, A. St. ...	54	11.135	69,00	33	978	512,00
9.º	Bom Tom, M. Sil.	58	44.015	17,00	34	3.028	165,00

Fonte: Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/030678/28801>>. A Luta Democrática (RJ), data de 16 de novembro de 1964, Ano XI, número 3304, página 7. Acesso em: 27 abr. 2020.

A década de 1970 ainda mantém as ocorrências anteriormente apresentadas, como apelido. Será na década de 1980 que ocorre a mudança semântica da palavra, já que deixará de participar da categoria de nomes próprios ou alcunhas para designar um objeto: um tipo de bolsa usada pelos garimpeiros.

Como dito anteriormente, será uma longa reportagem de José Nêumanne Pinto que nos apresentará a *boroca* do garimpo ao Brasil, considerando que a palavra sairá da Serra Pelada, no interior do Pará para uma reportagem no Rio de Janeiro como parte da linguagem essencialmente técnica do garimpo. O nome da reportagem é “O Ouro de Serra Pelada”.

Figura 10: Reportagem “O Ouro de Serra Pelada”, de José Nêumanne Pinto - Jornal do Brasil (RJ), 1980.

A tiracolo, uma bolsa de couro. É a boroca, artigo disputado pelos garimpeiros para a guarda mais segura de seus objetos pessoais, enquanto cavam o solo rico do Morro da Babilônia. Agamenon Severo tem um sócio que viaja frequentemente para São Paulo, onde compra as borocas, transportando-as numa C-10, até o garimpo. O outro sócio ajuda a vender as bolsas e, quando o estoque está para acabar nova viagem é feita ao centro de compras da primitiva sociedade limitada dos três maranhenses, que também pertencem à mesma família. O que viaja, por exemplo, é seu cunhado. No fim do mês, cada um tem mais de Cr\$ 100 mil livres, em média.

Fonte: Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/11660>. Jornal do Brasil (RJ), data de 18 de agosto de 1980, Ano XC, número 132, página 5 do caderno B. Acesso em: 27 abr. 2020.

Por isso, também, aparecem em publicações um dicionário referente às palavras do garimpo.

Figura 11: Mini Léxico do garimpo publicada pela Revista “O Cruzeiro” (RJ), 1981

A LINGUAGEM DO GARIMPO

BOROCA – Bolsa, capanga, maleta ou malote, pequeno ou grande.

DAMA OU DAMINHA – Intervalo entre uma gruta e outra, disputado pelos garimpeiros que chegaram mais tarde.

CASCA DE BALA – Medida, que equivale a duas gramas de ouro em pó, acondicionados em um cartucho vazio de bala 38.

PRUFORA – Arma, revólver ou espingarda, cujo gatilho não é embutido.

LAMBRETA – Andar a pé, com sandália havaiana. Ex. Fulano veio de lambreta. O deslocamento foi feito a pé, usando sandália.

LAVAR CURIMÃ – Peneirar o cascalho já abandonado por outros garimpeiros, na esperança de ainda encontrar ouro.

BATEIAR – Peneirar o cascalho procurando ouro.

CATA – Local (grot) onde se está procurando ouro.

CATA CEGOU – Local onde se cava de cima abaixo e não aparece ouro.

FAGULHO – Quando a cata dá sinal de ouro. Pode ser fraca ou forte, dependendo da potencialidade da gruta, que o garimpeiro avalia, rapidamente, com a vista.

STILIM – Desvio do córrego d'água, carregando o cascalho para outra gruta.

BAMBURROU – Encontrar ouro em boa quantidade.

BREFADO – Ao contrário de bamburrou.

PAGERE – Almoço ou janta, quase sempre arroz, feijão, carne-seca ou toucinho.

CAIU – Roubo. Quando o garimpeiro que trabalha em meia encontra ouro e foge com ele sem dividir com os companheiros.

SUMIU – Morrer.

REQUE – Medida. Equivale a um grama de ouro em pó, acondicionada no papel de um cigarro Hollywood.

BOLA – Zona do meretrício.

FRIZO – O caminho que deve conduzir à jazida de ouro ou filão.

FILÃO – Onde está a jazida, a origem do ouro em pó, que pode conter pepitas grandes e pequenas.

CASCALHO RICO – Quando peneirado pela primeira vez.

MEIA-PRAÇA – Sistema de trabalho no qual o garimpeiro divide o ouro que encontrar com o empresário ou dono da terra que o contratou.

MAGNATA – Quem já achou ouro em grande quantidade, o dono da terra ou quem tem dinheiro para financiar os garimpeiros, no regime de meia-praça.

O CRUZEIRO

Fonte: Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/003581/204277>>. O Cruzeiro: Revista (RJ), data de 18 de abril de 1981, Ano II, número 30, página 10. Acesso em: 27 abr. 2020.

O mini léxico criado na Revista “O Cruzeiro” é bem importante porque realmente ilustra a atividade econômica e a necessidade de entender as palavras que são usadas por esses fugazes ‘novos milionários’ brasileiros.

Em 1982 é lançado o filme os “Trapalhões na Serra Pelada” que apresenta em dois de seus personagens principais duas palavras importantes para o garimpo de Serra Pelada: “Boroça”, palavra que surge e ressignifica de sobrenome de pessoa para um tipo específico de bolsa e “Curió”, nome do militar incumbido de representar o Estado no referido garimpo, como se pode verificar na figura a seguir.

Figura 12: Texto de lançamento do filme “Os Trapalhões na Serra Pelada” - O Diário de Pernambuco, 1982



“Os Trapalhões na Serra Pelada”

Com argumento de Renato Aragão, roteiro de Gilvan Pereira e direção do veterano J. B. Tanko, estão de volta Os Trapalhões, numa divertida aventura em Serra Pelada.

Num forró próximo à Serra Pelada, Curió (Renato Aragão), Boroça (Dede Santana), Baléia (Zacarias) e Melexete (Mussum), assistem, fascinados, a um garimpeiro bamburrado esbanjar dinheiro exibindo uma pepita de ouro e decidem se aventurar no garimpo.

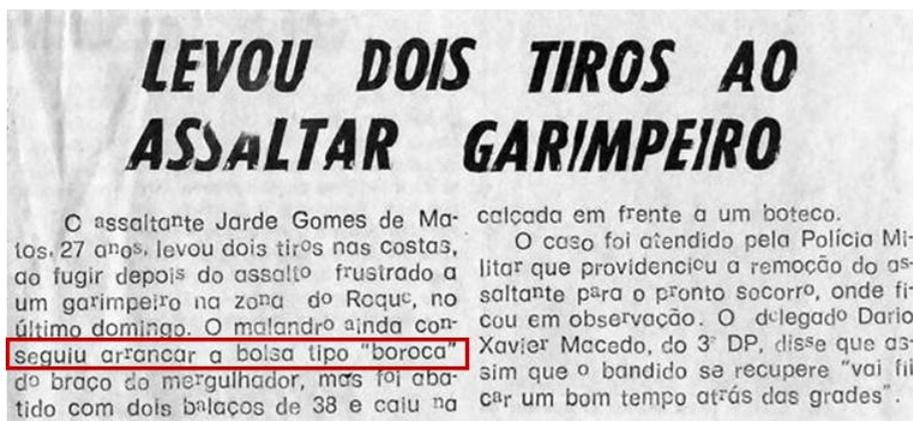
Mas toda a região é controlada pelo gringo Von Hermann (Felipe Levy) que, auxiliado por Bira (Eduardo Conde), violento capataz, explora e contrabandeia ouro, escravizando mulhães de garimpeiros.

“Os Trapalhões na Serra Pelada”. Estreia hoje no Astor e São Luiz

Fonte: Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/54228>. Diário de Pernambuco (PE), data de 15 de dezembro de 1982, Ano 158, número 344, página B-6. Acesso em: 27 abr. 2020.

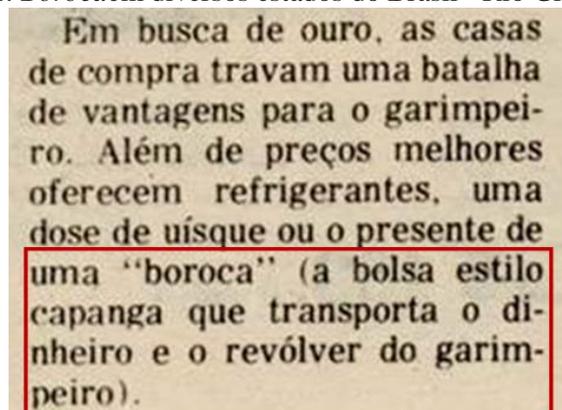
A palavra *boroça* com a significação de bolsa de garimpeiro se espalhou pelo país conforme surgia um novo garimpo ou se instalava um garimpeiro.

Figura 13: *Boroça* em diversos estados do Brasil - Rondônia



Fonte: Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/060160/6566>>. Alto Madeira (RO), data de 10 de dezembro de 1985, Ano LXVIII, número 16834A, página 4. Acesso em: 27 abr. 2020.

Figura 14: *Boro*ca em diversos estados do Brasil - Rio Grande do Sul



Fonte: Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/885959/101395>>. O Pioneiro (RS), data de 5 de abril de 1987, Ano 39, número 386, página 66. Acesso em: 27 abr. 2020.

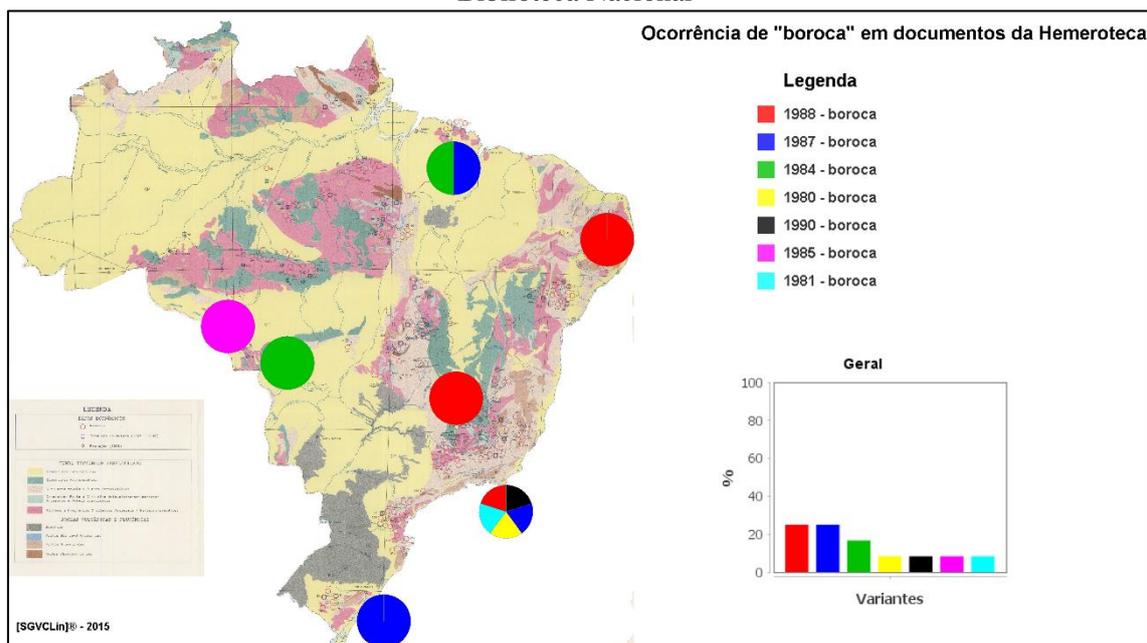
Figura 15: *Boro*ca em diversos estados do Brasil - Brasília - Distrito Federal



Fonte: Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/116880>. Correio Braziliense (DF), data de 14 de agosto de 1988, número 9250, página 18. Acesso em: 27 abr. 2020.

As imagens contidas nas figuras de 13 a 15 demonstram que o termo se espalhou como parte do universo do garimpo, considerando que todas as reportagens se referem a essa atividade econômica. Essa evidência pode ser verificada no Mapa 1 que demonstra a ocorrência de *boroca* entre 1980 e 1988 e suas incidências geográficas. A base cartográfica utilizada mostra as áreas de garimpo no Brasil na década de 1980.

Figura 16: Distribuição geográfica do termo *boroca* nos arquivos digitais da Hemeroteca da Biblioteca Nacional



Fonte: Base Cartográfica CPRM (1998).

Como evidenciado, no recorte selecionado, nos anos de 1987 e 1988, foram encontradas maiores ocorrências do termo designado como bolsa de garimpo, principalmente em jornais do Rio Grande do Norte, de Brasília, do Pará e do Rio Grande do Sul, demarcados pelas cores azul e vermelha, no cartograma exposto;

É possível perceber que, em décadas posteriores, o termo no Brasil se espalhou. Mesmo considerando que o mapa aponte as incidências nas capitais em um recorte entre

entre 1980 e 1990, o tópico a seguir apontará mais detalhadamente a distribuição de *boroca* no Tocantins, berço da inicial inquietação, o que fornecerá indícios de que seu entendimento como bolsa de garimpeiro ainda está na memória dos falantes.

3. Distribuição diatópica de *boroca* nos tempos atuais – o caso do Tocantins

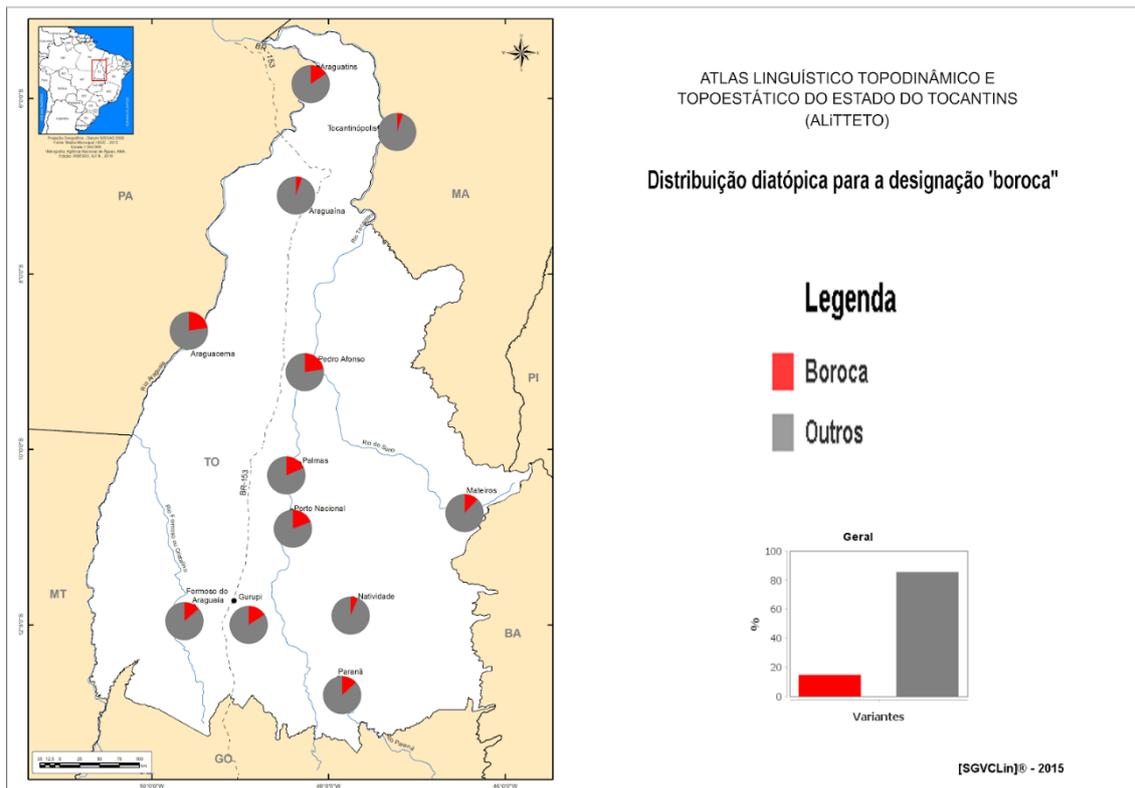
Boroca é uma malinha também (risos). Serve pra podê carrega a ropa, só que ela é mais pequena, né, ali diz: “Não, vô pegá minha boroca ali”, porque ali ‘cê coloca ropa, ‘cê coloca uma marmita, ‘cê coloca qualquer coisa. É a mesma mala com a bolsa, é a mesma coisa. (Araguatins, 01/07).

É intenção desse tópico demonstrar como a forma *boroca* ocorre no Tocantins, unidade federativa que se localiza na confluência entre as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, principais focos mineradores do país. Os dados foram coletados pelo ALiTTETO (SILVA, 2018).

Como respostas à pergunta 041 do Questionário Semântico Lexical: *Quando você vai viajar, é necessário arrumar o quê?*, ao todo foram recolhidas 268 respostas para 19 formas distintas³. A terceira variante em números percentuais, *boroca*, recebeu quantitativo de 15% das citações (39 respostas), cuja distribuição pelo espaço de pesquisa está representada no cartograma linguístico a seguir:

Figura 17: Distribuição diatópica para *boroca* no estado do Tocantins

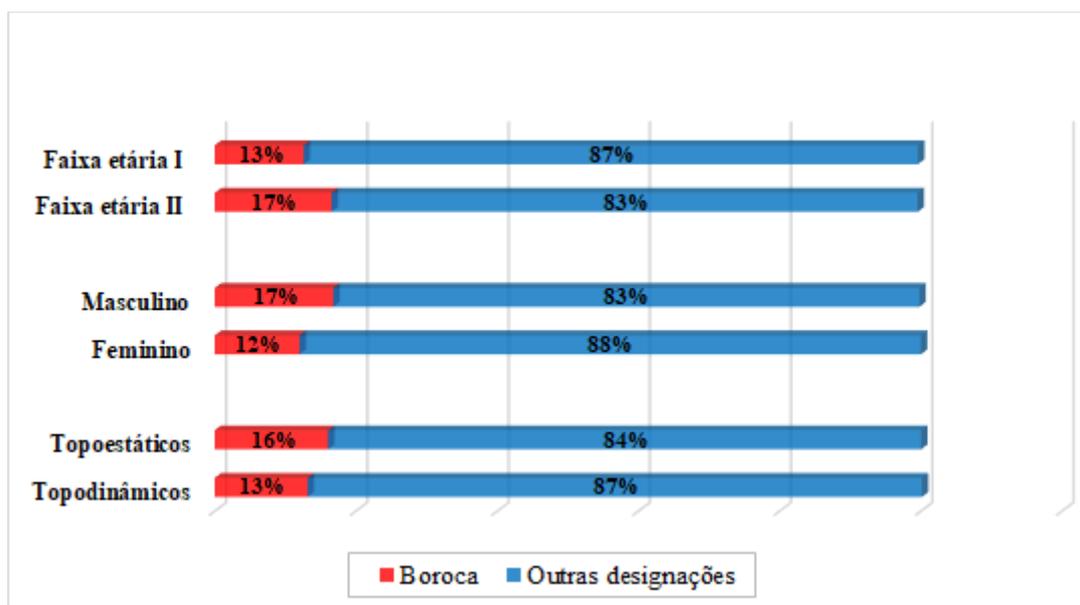
³As dez formas mais produtivas foram: mala, bolsa, boroca, mochila, bagagem, sacola, trouxa, cachorra, malote e saco.



Fonte: ALITTETO (SILVA, 2018).

Em termos gerais, *boroca* foi citada nas 12 localidades que compõem a rede de pontos do Tocantins. Nota-se que há maior concentração da forma no centro e no norte do estado, seguindo o curso dos rios Tocantins (cidades de: Porto Nacional, Palmas e Pedro Afonso) e do rio Araguaia - lateral oeste - que estabelece divisa do Tocantins com o Pará (cidades de: Araguacema e Araguatins). Araguatins, extremo norte do Tocantins, situa-se a 250 km de distancia-se de Curionópolis, Serra Pelada, Pará, considerado neste trabalho como epicentro de *boroca* como bolsa de garimpo.

Os 96 informantes que compõem o quadro da pesquisa são distribuídos por distintas variáveis, a saber: sexo, idade e tipo de mobilidade. Em um recorte social, como evidenciado pelo gráfico a seguir, algumas observações podem ser depreendidas, sobretudo quando se expõe os comentários epilingüísticos fornecidos pelos informantes quanto ao objeto em questão.



Fonte: ALITTETO (SILVA, 2018).

O primeiro fator social diz respeito à idade dos informantes: grupo I: 18 a 30 anos, grupo II: 50 a 65 anos. Ao compararmos os dois recortes, nota-se que os jovens são detentores de 13% das respostas *boroca*, enquanto os menos jovens: 17%, apresentando o segundo grupo ligeira preferência em relação à primeira faixa etária. Observa-se que em ambos os grupos, ao relatarem a forma em questão, atrelam seu uso às gerações mais antigas.

1. INQ.- O pessoal daqui fala boroca?
INF.- É, esses povo, tudo, o **meu pai** mehmo ele fala esse aí, que daquele tempo mais antigo, né, falava boroca. Hoje em dia fala bolsa, né, mala. Mai' meu pai mehmo quando nós vamo saí assim: “fi”, arruma tuas boroca aí”. (Araguatins, 01/01).
2. INQ.- O senhor aprendeu a falar boroca com alguém, quem?
INF.- **Meu pai**. [...] Meu pai sempre falava boroca, nunca falô mala, na época, que (inint), entrôboroca, saiu malote. (Araguatins, 01/03).
3. INQ.- Já ouviu outro nome para mala?
INF.- A bagage'... A bolsa.
INQ.- E um nome mais antigo?
INF.- A boroca [...]. Borocapra mim é uma bolsa, normal.
INQ.- O **pai e a mãe** falava boroca?
INF.- **Falavaboroca**. (Araguaína, 03/8).
4. INQ.- Você já ouviu **seus avós** falarem outro nome? Ou os povos antigos daqui?
INF.- Boroca, já ouvi falar boroca.
AUX.- O pessoal aqui ainda fala boroca?

INF.- É, fala, tem uns que fala. Eu mehmo, de vez em quando eu falo: “Pega a minhaboroca aí” (risos), mais os mininojogano. (Araguacema, 004/5).

5. INQ.- Já ouviu outro nome para mala?
INF.- Boroça que o **meu bisavô** chamava. (risos)
INQ.- Seu bisavô quem falava boroça?
INF.- Boroça.
6. INQ.- Entendi. Quem chamava boroça?
INF.- **Minha vó**, falava muito. (Palmas, 06/2).

Sobre o recorte diassexual, ou seja, a comparação entre as respostas fornecidas por homens e mulheres, nota-se que o grupo masculino detém maior quantitativo (17%) se comparado ao grupo feminino (12%) das citações de *boroça*. O maior conhecimento do item por parte do público masculino pode estar atrelado a dois fatores (hipotéticos): i) própria utilidade de *boroça* no contexto da região - bolsa/mochila que se usa para carregar diversos itens relacionados ao mundo do trabalho (marmita, roupas, etc), ou ii) *boroça* ser considerada, de certa forma, como termo tabuístico, evitado pelo grupo feminino. A última hipótese justifica-se tendo em vista certo desconforto dos informantes quando citam a resposta, comumente acompanhada por risos, como evidenciado nos fragmentos a seguir:

7. INF.- Ah, então são mais os antigo mesmo [que falam boroça] (risos).(Araguatins, 01/3).
8. INF.- Boroça é uma malinha também (risos). (Araguatins, 01/7).
9. INQ.- O povo ultimamente aqui fala boroça?
INF.- Num fala, porque querem se rico demais e quando fala uma coisa errada, do passado, se falá do passado que era o verdadeiro e fala hoje isso vira um mangofa, vira uma, num sabe de nada, que ainda é do tempo de tal coisa. Eu sô desse tempo memo e num abro mão. (Araguaína, 03/7).
10. INF.- [...] de vez em quando eu falo: “Pega a minha boroça aí” (risos), mais os mininojogano. (Araguacema, 04/5).
11. INQ.- Você não queria falar [boroça]? Por quê?
INF.- Sei lá. É meio antigo, né. (Porto Nacional, 07/6).
12. INF.-“Eu vou arrumar minha boroça”, (risos) é engraçado. (Porto Nacional, 07/8).
13. INF.- Boroça, eita nome esquisito é boroça. É quase igual uma gíria, né? (Paraná, 12/07).

Sobre a mobilidade do informante, os topoestáticos, ou seja, os naturais das localidades de pesquisa, apresentam percentual mais elevado de citações de *boroça*

(16%), enquanto os topodinâmicos, informantes procedentes de migrações e/ou deslocamentos: 13%. Nos relatos, há indicativos da origem do termo como procedente de regiões de garimpo:

14. INQ.- Quem falava boroca antigamente?
 INF.- **Garimpero**.
 INQ.- Como que era a boroca de garimpeiro?
 INF.- É essa de jogar nas costas... Outros falava... os viajantes vem com uma cachorra.
 INQ.- Tinha diferença da cachorra para a boroca?
 INF.- Não, as mehma coisa.
 INQ.- Hoje em dia o povo fala ainda boroca?
 INF.- Fala. (Porto Nacional, 07/3).
15. INQ.- A senhora já ouviu falar em boroca?
 INF.- Eu já sim, porque aqui tinha é... eu morei em Tocantinópolis, e lá o pessoal tinha uma tal de **Serra Pelada**, muito falava a Serra Pelada... aí, eu conheci um amigo meu que dizia: “Não, rapaiz vamos bota a boroca em cima do ombro e vamos vazar pra lá”.
 INQ.- Lá na região de garimpo?
 INF.- Aí, eu falava: “boroca, o que é boroca?” Ele dizia: “não, é a muchila”.
 INQ.- Mas, lá tinha garimpo nessa região?
 INF.- **Tinha bastante garimpo**, e eu acho que ainda hoje tem, é porque não foi como é que se diz? Descoberto, né? (Gurupi, 10/3).

A partir da verificação da distribuição diatópica atrelada ao contexto social dos informantes, algumas considerações podem ser depreendidas da presença de *boroca* no espaço tocantinense: i) predominância da forma ao longo dos rios Araguaia e Tocantins, historicamente utilizados para contatos comerciais entre o norte de Goiás-Tocantins com o Pará. ii) presença do termo em falantes migrantes (topodinâmicos), denotando não se tratar apenas de forma local, mas de palavra procedentes de outras regiões brasileiras.

Ainda, iii) citação de *boroca* acompanhada por risos, revelando se tratar de um possível tabuísmo evitado pelos informantes; iv) indicação, por parte dos entrevistados, que tal termo é recorrente na fala de pessoas mais velhas, o que se justifica quando tem-se em vista que o garimpo de Serra Pelada surgiu a quase quatro décadas, por fim, v) comentário epilinguístico em que se indica a possível origem do termo: o garimpo do estado vizinho Pará.

4. A *boroca* hoje

A *boroca* não foi esquecida, foi ressignificada mais uma vez, como pode ser verificado em postagens atuais em redes sociais em que o termo parece indicar um tipo de pessoa “boba”, chata e também conhecido na gíria como “mala sem alça”.

O primeiro excerto é de 2014, quando um adolescente diz que é ofensivo chamar alguém de *boroca* e ainda apresenta uma abreviação para a palavra ‘brc’.

Gabriel, do Lafayette, diz que para chamar alguém de “boroca” ou é muito amigo ou quer arrumar treta

Gíria velha, novo sentido

Palavras antigas como o borocochô, que antes era a qualidade de uma pessoa desanimada ou triste, hoje ganhou sentido de "vacilão". Em muitas rodas, chamar alguém de borocochô, ou pela abreviatura boroca, pode resultar numa grande confusão. Quem ofereceu a tradução foi o estudante Gabriel Henrique de Sá, de 13 anos, do Dom Lafayette. "Hoje a gente já usa 'brc' na frase. Não é muito recomendado usar essa palavra, a não ser que seja em tom de brincadeira com um amigo muito próximo ou a pessoa vai se ofender", explica. (DIÁRIO DA REGIÃO, 2014, Olá, p. 15).

No excerto, o adolescente revela que a palavra está no cotidiano com uso diferente do apontado anteriormente tanto nos arquivos da hemeroteca quanto na fala dos informantes de Tocantins. A *boroca* do interior do estado de São Paulo é uma ‘abreviação’ de borocoxô e pode ter sentido depreciativo.

Seguindo o exemplo de São Paulo, foi realizada uma breve pesquisa com a palavra na rede social Twitter e foi percebido que o termo é muito ativo, com vários significados, conforme se percebe a seguir:

Figura 18: Tweet - boroca - 30 de julho de 2020



Fonte: Twitter

A *boroca* apontada na figura 18 destaca o mesmo sentido pejorativo que é referido pela reportagem do jornal de 2014. “Coisa de Boroca” seguido de emoticons negativos demonstra que ser *boroca* não é bom no universo jovem, assim como na figura 19.

Figura 19: Tweet - boroca - 27 de julho de 2020



Fonte: Twitter

A figura 20 atualiza a *boroca* para o universo da pandemia referente ao Covid-19, registrando que o ‘ser/estar *boroca*’ pode ser contagioso:

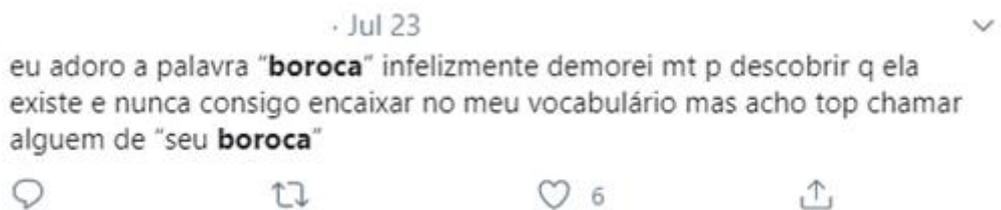
Figura 20: Tweet - boroca - 26 de julho de 2020



Fonte: Twitter

O tweet da figura 21 acaba de descobrir a palavra e ainda não sabe como usá-la no seu arcabouço lexical. Talvez, o campo de significação ainda não é tão claro, já que dá uma atribuição positiva: “acho top chamar alguém de ‘seu boroca’”.

Figura 21: Tweet - boroca - 23 de julho de 2020



Fonte: Twitter

O único tweet encontrado com a mesma referência à *boroca* do garimpo, com o sentido de bolsa, mala é o da figura 22, a qual relata que está pronta para sair, “as *boroca* tão pronta”.

Figura 22: Tweet - boroca - 29 de julho de 2020



Fonte: Twitter

A palavra mostra que ainda é bem produtiva na rede social Twitter, a busca selecionou apenas algumas mensagens com a *boroca*. A pesquisa que delimitou o perfil de tempo de uma semana trouxe quase uma centena de mensagens com significados apresentados aqui. O que se percebe em relação à produtividade de *boroca* é que realmente não está mais restrita a uma atividade econômica ou profissão, com vários significados, mas ainda apresenta o resquício de significação atribuída na "efervescência linguística" de Serra Pelada.

Para finalizar, temos ainda as oito acepções do Dicionário inFormal⁴. É interessante observar que quem estabelece qual é o 'melhor' significado da palavra e sua posição no dicionário é o próprio usuário da internet que vota no melhor significado para a palavra. Atualmente, em primeiro lugar está, com 419 'curtidas':

1. Boroca
Significado de **Boroca** Por XXXX (SP) em 31-03-2011
Quem é borocoxô, bobão, mongo; sempre dá pra trás em algum assunto.
Vamo ali tomar uma breja?
Vou não.
Ah, você é boroca. (Dicionário inFormal⁵ [grifos do original]).

O exemplo mostra o verbete do dicionário mais popular de *boroca* no dicionário. A definição foi feita por um usuário de São Paulo que dialoga com a matéria do jornal "Diário da Região" do ano de 2014 e com o *tweet* da figura 18. Já o exemplo abaixo, explica a mensagem da figura 19:

3. Boroca
Significado de **Boroca** Por Dicionário inFormal (SP) em 23-12-2010
Pessoa que se acha muito e não é nada, pessoa zuada.
Aquela menina é tão boroca. Se acha muito e não é nada!(Dicionário inFormal⁶ [grifos do original]).

⁴O dicionário de português gratuito para internet, onde as palavras são definidas pelos usuários. Uma iniciativa de documentar on-line a evolução do português. Não deixe as palavras passarem em branco, participe definindo o seu português!". Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em 30 jul. 2020.

⁵Disponível em:<<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/boroca/4449/>>. Acesso em 30 jul. 2020.

⁶Disponível em:<<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/boroca/8799/>>. Acesso em 30 jul. 2020.

Os verbetes do dicionário de 5 a 8 revelam as acepções referentes a bolsa, mochila. A acepção 5 que também é informada por um usuário de São Paulo coaduna com a fala da informante presente no fragmento 14, que *cachorra* é sinônimo de *boroca*, ambas são um tipo de bolsa que ‘joga nas costas’:

5. Boroca

Significado de **Boroca** Por Dicionário inFormal (SP) em 27-02-2016
Boroca, no nordeste significa mochila pequena, outros nomes: cachorra.
Pegou a boroca e sumiu. (Dicionário inFormal⁷ [grifos do original]).

A sexta entrada do referido dicionário popular e informal, como é definido, tem uma curiosidade: é registrada como “regionalismo” da região Norte, por um informante do Amazonas, e tem dois significados: uma ‘muda’ de roupas, ou seja um conjunto de roupas para uso em um único dia e também significa uma “sacola com roupas”:

6. Boroca

Significado de **Boroca** Por XXXXXXXX (AM) em 12-01-2016
 [Reg.] No norte, significa uma muda de roupas; uma sacola com roupas.
Vou fazer minha boroca e ir embora de casa. (Dicionário inFormal⁸ [grifos do original]).

A entrada sete é a primeira definição dada por ordem cronológica (ano de 2007) e informa que é um ‘dito popular’ do garimpo, como se fosse uma atribuição ‘folclórica’ dada ao termo. O usuário que traz a informação é do Mato Grosso⁹ e o dicionário corrobora com a informação, além de dialogar com o tweet da figura 22.

7. Boroca

Significado de **Boroca** Por XXXXXX (MT) em 11-04-2007
 Dito popular dos garimpeiro que quer dizer bolsa.
O garimpeiro coloca a rede na boroca.(Dicionário inFormal¹⁰ [grifos do original]).

A última definição é a mais simples e é registrada por um usuário do Maranhão.

8. Boroca

Significado de **Boroca** Por XXXXXXXX (MA) em 13-09-2009
 Mala, mochila, bolsa.
Amigo tua boroca tá muito pesada. (Dicionário inFormal¹¹ [grifos do original]).

⁷Disponível em:<<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/boroca/12560/>>. Acesso em 30 jul. 2020.

⁸Disponível em:<<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/boroca/12371/>>. Acesso em 30 jul. 2020.

⁹Boroca foi registrada no estudo de Marins (2014) no Mato Grosso.

¹⁰Disponível em:<<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/boroca/278/>>. Acesso em 30 jul. 2020.

O dicionário inFormal corrobora com a tese apresentada aqui de que a palavra *boroca* ganhou frequência de ocorrências a partir do garimpo, quando antes, temporalmente, foi encontrada como sobrenome e também como apelido atribuído. As primeiras definições, anos de 2007 e 2009, atribui ao significado de bolsa e, a partir de 2011, ganha outros significados, também exemplificados por mensagens da rede social Twitter.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve por objetivo demonstrar o percurso lexicológico e dialetal da palavra *boroca* ao longo das décadas, inicialmente entendida como sobrenome, nome, apelido, até sua ressemantização no garimpo de Serra Pelada como denominativo para um tipo de bolsa de garimpeiro. Nos dias atuais, há a utilização do termo pelos mais jovens como adjetivo pejorativo.

Para o levantamento da possível origem da palavra, usou-se a base de dados da hemeroteca da Biblioteca Nacional e verificou-se que a década de 1980 é a que marca *boroca* como um tipo de bolsa e liga o termo ao garimpo de Serra Pelada, no Pará. Nesse sentido, a efervescência linguística presente em uma região, que em seu apogeu reuniu 80 mil homens procedentes de todas as regiões brasileiras, fez culminar no surgimento de um vocabulário específico.

Ainda, verificou-se que no Tocantins, em dados coletados recentemente, o termo ainda consta como sinônimo para bolsa, principalmente quando os informantes, em seus relatos, indicam que *boroca* está ligado às gerações mais velhas, a um universo mais masculino e, aparentemente, indica ser termo tabuístico nesse contexto de pesquisa.

Por fim, a partir dos *tweets* e das definições do Dicionário inFormal, nota-se que os jovens, principalmente os de São Paulo, atualmente ressignificaram *boroca* como designação para pessoa boba, ingênuo, conforme se averiguou nos recortes das mídias sociais. Sendo as definições mais específicas atribuídas ao objeto deste artigo, também registradas e exemplificadas pelas mídias sociais.

¹¹Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/boroca/2537/>>. Acesso em 30 jul. 2020.

Referências:

ALTO MADEIRA (Porto Velho). Levou dois tiros ao assaltar garimpeiro. *Alto Madeira*, Porto Velho, ano LXVIII, n. 16834A, p. 4, 10dez. 1985. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/060160/6566>. Acesso em: 27 abr. 2020.

A LUTA DEMOCRÁTICA (Rio de Janeiro). Resultados de ontem. *A Luta Democrática*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 3304, p. 7, 16nov. 1964. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030678/2024>. Acesso em: 27 abr. 2020.

A LUTA DEMOCRÁTICA (Rio de Janeiro). “Boroca” caiu nas mãos da polícia. *A Luta Democrática*, Rio de Janeiro, ano I, n. 244, p. 2, 21nov. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030678/2024>. Acesso em: 27 abr. 2020.

A MANHÃ (Rio de Janeiro). Peleja atração em Braz de Pina. *A Manhã*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 1871, p. 20, 14set. 1947. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116408/35310>. Acesso em: 27 abr. 2020.

A OFFENSIVA (Rio de Janeiro). Atropelado em frente a residência. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano III, n. 229, p. 1, 11 jun. 1936. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178586/114>. Acesso em: 27 abr. 2020.

BASILIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade. *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, terminologia (as)*, v. 2, p. 129-142, 1998.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, v. 2, p. 13-22, 2001.

BITENCOURT, M. A. *Cooperativismo e atividade garimpeira: o caso da cooperativa garimpeira do Vale do Rio da Bagagem, LTDA*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2009. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/4111/texto%20completo.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 jul. 2020.

COMPANHIA DE PESQUISA EM RECURSOS MINEIRAIS CPRM. *Mapa de reservas e produção de ouro no Brasil*. Informes gerais N° 3. Rio de Janeiro, 1998.

CORREIO BRAZILIENSE (Distrito Federal). O eldorado já tem até dialeto. *Correio Braziliense*, Distrito Federal, n. 9250, p. 18, 14ago. 1988. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/116880. Acesso em: 27 abr. 2020.

CORREIO DA MANHÃ (Rio de Janeiro). Cardio: dois anos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano LXI, n. 20928, p. 1, 16jun. 1961. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/19541. Acesso em: 27 abr. 2020.

DIÁRIO DA NOITE (São Paulo). Sangrento tiroteio por causa de uma mulher. *Diário da Noite*, São Paulo, ano XXIV, n. 7374, p. 5, 21dez. 1948. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093351/13999>. Acesso em: 27 abr. 2020.

DIÁRIO DA REGIÃO (São José do Rio Preto). O que eles estão dizendo: Molecada inventa umas gírias difíceis de entender. *Diário da Região*, São José do Rio Preto, ano 33, n. 2, 15 nov. 2014. Olá, p. 15. Disponível em: https://www.diariodaregiao.com.br/_conteudo/maissecoes/2.212/molecada-inventa-umas-g%C3%ADrias-dif%C3%ADceis-de-entender-1.34158.html. Acesso em: 27 jul. 2020.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO (Pernambuco). Os Trapalhões na Serra Pelada. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, ano 158, n. 344, p. B-6, 15dez. 1982. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/54228. Acesso em: 27 abr. 2020.

DICIONÁRIO INFORMAL DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/boroca/?fbclid=IwAR15wQixdDxntlYvVGtFBCjo-5VYMGsjCSbX1xyQZNMVxBsqIjC-zHWwsJ4>. Acesso em: 30jul. 2020.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

GUANAES, S. A. *Nas trilhas dos garimpeiros de serra: garimpo e turismo em áreas naturais na Chapada Diamantina-Ba*. 2001. 213p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279804>. Acesso em: 30 jul. 2020.

MARINS, L. G. F. O léxico rural no Brasil Central: designações para “bruaca”. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 43, n. 1, jan.-abr. 2014 p. 545-560. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/458/340>. Acesso em: 27abr. de 2020.

MATHIS, A. Serra Pelada. COELHO, M. C.; COTA, R. (Org.). *PAPERS DO NAEA Nº 050*, v. 10, p. 275-294, 1995.

O CRUZEIRO (Rio de Janeiro). A Linguagem do Garimpo. *O Cruzeiro: Revista*, Rio de Janeiro, ano II, n. 30, p. 10, 18abr. 1981. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003581/204277>. Acesso em: 27 abr. 2020.

O IMPARCIAL (Pará). História de Sete dias. *O Imparcial*, Pará, ano VIII, n. 223, p. 3, 11 jun. 1901. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=800848&pagfis=115>. Acesso em: 27 abr. 2020.

O IMPARCIAL (Rio de Janeiro). O ontem desportivo. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, ano V, n. 1178, p. 9, 23 mar. 1939. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/107670_03/17065. Acesso em: 27 abr. 2020.

O PIONEIRO (Caxias do Sul). Assassino do empresário pode estar em Itaituba, a Capital do Ouro. *O Pioneiro*, Caxias do Sul, ano 39, n. 386, p. 66, 05abr. 1987.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/885959/101395>. Acesso em: 27 abr. 2020.

O REGENERADOR (Rio de Janeiro). Edital. *O Regenerador*, Rio de Janeiro, ano 04, n. 11, p. 3, 02mar. 1913. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/801291/637>. Acesso em: 27 abr. 2020.

PAGOTTO, E. G. Ebulição e sedentarização linguística, o lugar da economia de subsistência na formação do Português Brasileiro. *Revista Diadorim*, v. 20, p. 53-63, 2018.

PINTO, J.N. O Ouro de Serra Pelada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano XC, n. 132, p. 5, Cad. B, 18ago. 1980. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/11660. Acesso em: 27 abr. 2020.

SERRA Pelada - A lenda da Montanha de Ouro. Direção: Victor Lopes. Produção: Arpex Áudio, Marmo Produções. Roteiro: Maurício Lissovsky. Brasil: TV Zero, 2013. Disponível em: <https://youtu.be/mSDh86t2nG0>. Acesso em: 29 jul. 2020.

SILVA, G. A. da. *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO)*. 2018. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.